

## A Terra Prometida “Sob Céus Estranhos”

### The Promised Land “Under Strange Skies”

Maria do Carmo Cardoso Mendes

Universidade do Minho  
mcpinheiro@ilch.uminho.pt

Palavras-chave: Losa (Ilse), terra prometida, exílio.

Keywords: Losa (Ilse), Promised Land, exile.

### 1. Sementes de ódio

Ilse Lieblich (Buer, Alemanha, 20 de março de 1913 – Porto, 6 de janeiro de 2006) é uma escritora alemã de origem judaica, cujo percurso biográfico e literário foi profundamente marcado pela experiência do exílio. De facto, a sua condição judaica obriga-a a refugiar-se na cidade do Porto, em 1934, vindo a adquirir a nacionalidade portuguesa após o casamento com o arquiteto Arménio Losa. Autora da primeira tradução portuguesa do *Diário de Anne Frank*, publica o primeiro romance – a sua autobiografia ficcionalizada a que dá o título de *O Mundo em que Vivi* – em 1949. O título remete para um universo perdido, o da infância e da juventude, que a escritora conheceu na Alemanha; um universo marcado por perseguições aos judeus da Alemanha das décadas de 1920 e 1930. As marcas da repulsa da escritora pelo antissemitismo são já bem visíveis nesta narrativa autobiográfica e intensificam-se em duas obras posteriores, também elas de cunho autobiográfico<sup>1</sup>.

Sendo certo que Ilse Losa é sobretudo conhecida como escritora de literatura infantojuvenil, não é menos verdadeiro que a sua obra literária constitui uma das mais relevantes revisitações da campanha antissemita levada a cabo pelo Terceiro Reich e do Holocausto nazi. Acompanhar a reconstituição da biografia

<sup>1</sup> Como sustenta Ana Isabel Marques (2009, p. 9), “*O Mundo em que vivi* (1949), *Rio sem Ponte* (1952) e *Sob céus estranhos* (1962), compõem uma trilogia que ficcionaliza diferentes etapas da sua vida, i.e., a infância e juventude na Alemanha, a experiência como au-pair na Inglaterra e a sua condição de refugiada judia-alemã em Portugal”.

da autora nos três romances referidos é, ao mesmo tempo, seguir o percurso de ascensão ao poder de Adolf Hitler e da sua política antissemita. Neste sentido, importa – quer pelo valor histórico de um período negro na História do século XX, que, tantas vezes revisitado na literatura e noutras artes, não deixa ainda assim de causar angústia e terror nos dias de hoje, quer pela relevância que a escritora concede às sementes de ódio que levariam ao Holocausto – começar por analisar a presença do antissemitismo na Alemanha dos anos trinta do século XX e a ascensão de Hitler ao poder.

No romance *O mundo em que vivi*, é relatada a infância junto dos avós paternos de uma menina judia, Rose Frankfurter, numa pequena aldeia alemã. Até aos seis anos, altura em que passaria a viver com os pais, a influência mais marcante na sua vida é a do avô Markus: uma figura afável, generosa, profundamente respeitadora dos princípios e dos rituais da religião judaica, contrastando com uma avó agreste e pouco propensa à manifestação de afetos. A situação de uma família judaica na Alemanha merece diferentes avaliações: para a avó Ester, o filho Joseph perdeu a estima da família por ter casado com “uma americana que nem sequer era judia” (Losa, 1987a, p. 11). O mesmo virá a acontecer com a tia Helga, irmã da mãe, realizando um casamento que desagrada aos pais do noivo e da noiva:

O avô Jacob não quisera consentir na ligação, e os pais do noivo também não estavam de acordo. Magoado, o avô comentou, numa carta, a atitude rebelde da filha. A família von Reichenstein, dizia ele, velha família fidalga, decerto com fortes tendências antissemitas, não admitiria sequer que a tia Helga lhe fizesse uma visita. (Losa, 1987a, p. 86)

Persistentemente preocupada com a discrição, a avó Ester não se cansa de dizer à neta que “uma menina judia não deve dar nas vistas” (Losa, 1987a, p. 17). Já para o seu filho Franz, “ser judeu é uma desgraça [...]”. O tio Franz não sabia qual a razão por que o tenente insultava os judeus, limitando-se ao queixume de que era uma desgraça ser judeu” (Losa, 1987a, pp. 24-5). Para o avô, manter as tradições da família, tanto em termos de ocupação profissional, quanto em termos de prática religiosa, é um dever inquestionável. A ele cabem, aliás, as primeiras considerações do romance sobre perseguições históricas aos judeus:

Houve um tempo em que não era permitido aos judeus viverem e trabalharem como lhes apetecesse ou lhes desse prazer. Forçados ao isolamento em vielas escuras, só se podiam dedicar a determinados negócios [...] a nossa fé uma tradição que se tem transmitido, desde há muitos séculos, até aos nossos dias. Não achas maravilhoso? Podes ter orgulho em ser judia... (Losa, 1987a, pp. 35-6)

No espírito da protagonista, desenha-se precocemente um dilema: deverá sentir-se orgulhosa por ser judia ou, pelo contrário, deverá encarar a sua ascendência, recuperando as palavras do tio Franz, como uma desgraça? Os primeiros tempos de instrução primária mostrarão que as palavras do tio se sobrepõem ao desejo do avô, pois a pequena Rose sentirá vergonha, junto do professor e dos colegas de turma, de se afirmar judia. A este sentimento junta-se, também nos primeiros anos de vida, a perplexidade natural de uma criança diante de rituais religiosos e das diferenças entre a religião judaica e a religião cristã:

Às sextas-feiras ao anoitecer e aos sábados de manhã, os judeus iam à sinagoga, enquanto os cristãos veneravam o seu Deus aos domingos, na igreja. Ficando eu, depois da cerimônia, ao lado do avô, que conversava animadamente com os amigos, observava as caras dos transeuntes e notava-lhes, por vezes, um sorriso trocista. Assaltava-me então o desejo ardente de pertencer a eles, aos outros, que, despreocupados, iam aos domingos à igreja e veneravam um Deus oficialmente reconhecido, um Deus que pertencia à aldeia como o médico, o dr. Dorn, enquanto o meu parecia não gozar de boa reputação. (Losa, 1987a, p. 38 e p. 44)

Embora ainda criança, Rose tem consciência que as diferenças constituem mecanismos de ostracismo e por isso alimenta o desejo de integração numa comunidade maior. Os primeiros anos de vida de Rose moldam, portanto, sentimentos de isolamento e de exclusão que se acentuam na adolescência e na juventude. Numa pequena cidade como aquela onde cresce, nasce a convicção, que a acompanhará na adolescência, de que se alguns dos seus habitantes criam laços de amizade duradouros, outros tornam-se inimigos porque “não gostavam de judeus e me atormentavam com a sua hostilidade” (Losa, 1987a, 61).

O espaço natural é também toldado por uma antecipação do terror do Holocausto: se a neve que cobre a pequena cidade evoca memórias felizes e desperta a propensão de Rose para o sonho e para a fantasia, ela constitui também um pretexto para lembranças de sofrimento:

Haveria de chegar o tempo em que o espetáculo da neve não me inspirava senão tristeza, por saber os amigos a morrer de frio em campos de concentração. Mas como adivinha isso numa época em que os nossos trenós deslizavam pelos montes abaixo e eu vivia despreocupada como toda a gente? (Losa, 1987a, p. 60)

O sentimento de exclusão da comunidade vivido muito precocemente por Rose torna-se mais intenso com a entrada na escola primária: por recomendação da mãe, ela identifica-se, junto do professor, como israelita, não como judia. Revela-se assim um desconforto, que vem já das gerações anteriores à de Rose, com a sua situação religiosa num país onde ser judeu é, na década de 30 do século passado, um anátema. Rose sente que os rituais da sua religião são praticados por uma minoria que se vê assim afastada do convívio da maioria: “O Natal pertencia aos outros e não a nós [...]. Doía-me não ter uma árvore de Natal em casa, mas nessa mesma quadra festejávamos a Chanuka, a festa das luzes e da alegria, como o Natal” (Losa, 1987a, p. 81). O peso simbólico do Natal cristão e a alegria que, por natureza, ele desperta – sobretudo junto dos mais novos – torna mais incisiva esta reflexão de Rose sobre a diferença e o desejo de não a experienciar.

O esforço de integração de Rose na comunidade em que cresce passa pela assistência às aulas de religião protestante. Tornar-se-iam, todavia, momentos de infelicidade, porque a personagem se sente muito desconfortável ouvindo o professor em considerações pejorativas sobre o seu povo. É também a partir deste momento que, porventura também como consequência da morte da figura mais influente da sua infância, o avô Markus, Rose começará a defender a sua origem judaica e o seu povo:

Passei a escutar as histórias do nascimento de Jesus, dos Reis Magos que lhe levaram prendas, dos milagres que sabia fazer e da sua morte no monte do Gólgota. Incomodava-me ouvir que tinham sido os judeus que o crucificaram, e o sr. Brand, suspeitando o meu mal-estar, procurava fazer justiça aos judeus explicando que os de agora não tinham nada que ver com o que fizeram os daquele tempo e que, aliás, tendo sido judeu o próprio Jesus, não poderia haver prova mais convincente de haver judeus maravilhosos.

Tudo isso era, sem dúvida, consolador, mas o facto de o sr. Brand se ver na necessidade de tanta justificação por minha causa não deixava de ser humilhante. (Losa, 1987a, p. 74)

É especialmente interessante no romance a reflexão, na avaliação de uma criança, do sentido do termo “antisemita”: para Rose, trata-se de uma palavra tão familiar e tão inquietante quanto o termo “inflação”, e que, “tal como ela, fazia parte das palavras desconfortáveis, estrangeiras. Antisemita significava para nós o mesmo que inimigo, por isso fazia-me lembrar, com os *ii* agudos, o vento gelado que no inverno nos cortava a pele” (Losa, 1987a, p. 98). Não deixa de ser significativo que Rose recorra à comparação com um elemento natural, uma vez que a paisagem ocupa na sua infância um lugar preponderante. A comparação torna mais agressivo o significado do antissemitismo e acaba por ser mais eficaz do que as respostas de um adulto a pedidos de explicações, naturais numa criança onde se manifestam a curiosidade e a incompreensão:

– Por que é que há quem nos odeie?, perguntei ao sr. Heim.

Depois de ter esboçado um sorriso triste, disse:

– É difícil de explicar, Rose. Há quem afirme que somos um povo inteligente e que isso nos traz inveja; há os que creem que o nosso destino é uma tragédia determinada por Deus; e não faltam outros que nos atribuem qualidades inferiores e nos consideram malvados.

– Mas somos como toda a gente, sr. Heim.

– Claro que somos como toda a gente; mas somos poucos, e poucos não têm defesa contra muitos (Losa, 1987a, p. 98)

A chegada à adolescência permite uma reconfiguração dos sentimentos de vergonha e de exclusão. Rose frequenta reuniões de sionistas e só então entenderá o autêntico significado da expressão “ser judeu”. Para isso contribui também a figura do sr. Heim, o professor de hebraico, que a auxilia a formar uma consciência cívica e a ter presente a situação dos judeus na Polónia: “uma vida de miséria e de isolamento em guetos sem sol e sem alegria e que, ainda agora, não é raro serem apedrejados e ridicularizados. Dos que fogem para aqui, nem todos conseguem ajustar-se à nossa vida regrada e ficam marginalizados dela” (Losa, 1987a, pp. 108-9). Com ele, Rose consegue estabelecer uma relação de proximidade que passa pela manifestação do sentimento de humilhação de que é alvo no liceu.

O Holocausto atinge a família da própria Rose, através da mulher do tio Franz, cujo nome figurava, no final da guerra, “burocraticamente, entre os dos mortos em Buchenwald” (Losa, 1987a, p. 114). Não se trata, assim, de uma memória distante ou afastada do seu círculo familiar. Bastaria pensar que, tal como não esquece a esposa do tio Franz, Rose se lembrará para sempre do diálogo entre

um desconhecido e a mãe numa viagem de comboio: à repulsa do homem por ambientes frequentados por judeus responde a determinação da mãe de Rose:

- Pensei em ir para uma praia, mas desisti da ideia. Estão cheias de judeus. E eu não posso com judeus.
- Sou judia, disse a minha mãe com calma admirável (Losa, 1987a, p. 119)

Rose não esquecerá também todas as imagens deformadas e deformantes dos judeus, intensificadas com a ascensão de Hitler e as promessas por ele feitas aos alemães<sup>2</sup>:

O antissemitismo aumentava, o nome de Adolf Hitler estava na ordem do dia. Circulavam jornais com caricaturas de judeus de monstruosos narizes em cavalete, olhos esbugalhados, cobiçosos, expressão brutal ou lasciva e mãos papudas, carregadas de anéis descomunais. Publicavam-se artigos aterradores sobre o culto religioso nas sinagogas e nas casas judaicas. Chegava a afirmar-se que os judeus matavam crianças na noite de Passah em que esperavam o Messias. Nos carros elétricos e nos comboios viam-se os passageiros divertirem-se à custa de tais histórias e das gravuras repugnantes que as ilustravam. Talvez não acreditassem no que liam e viam, mas procuravam a excitação e até o arrepio que lhes havia de justificar o pôr a descoberto os seus maus instintos. A falta de trabalho inquietava-os. Jovens e velhos perdiam os empregos e esperavam em bichas nas repartições de trabalho pelo selo e o carimbo dos cartões do seguro social. Os desempregados enchiam as cervejarias e exaltavam Hitler, que lhes prometia trabalho e lhes afirmava serem os judeus os maiores culpados da desgraça económica do país. O nome ‘judeu’ cada vez se tornava mais injurioso. (Losa, 1987a, p. 148)<sup>3</sup>

Rose viverá na capital alemã este período de intensa turbulência política, económica e ética, ao longo do qual os judeus são responsabilizados por todas as carências vividas na Alemanha.<sup>4</sup> Não perde em momento algum o sentimento de pertença judaica, mas compreende que a sua existência na Alemanha nazi está condenada:

<sup>2</sup> Sustenta Ana Isabel Marques (2001, p. 66), que “a caracterização “disfórica dos Judeus, os traços físicos disformes, em tudo indiciadores de uma índole malévola, remete-nos para o campo semântico da avareza e da usura”.

<sup>3</sup> No romance *Rio sem Ponte*, encontra-se nas declarações da personagem de um alemão, Brentano, esta mesma crença na capacidade de Hitler para reerguer o país e expulsar os judeus, assim como idêntica representação pejorativa do povo judaico: “- Pois fique sabendo que ele vai meter toda essa ralé na ordem. Você não se interessa pelo partido de Hitler? [...] Com ele vamos ter uma grande nação, sem judeus e outros parasitas que tais” (Losa, 1988, p. 62).

<sup>4</sup> Como assinala Ana Isabel Marques (2001, p. 63), a chegada à cidade representa um “adensamento do clima de hostilidade contra os Judeus. A xenofobia, que se sente latente no pulsar da vida da aldeia e que conhece apenas erupções esporádicas num ou noutro episódio protagonizado por crianças, vai-se manifestando de forma cada vez mais despudorada à medida que se diluem os traços entre as pessoas, tornando-se particularmente visível no *modus vivendi* desumanizado da cidade”.

No que dizia respeito à ‘nossa gente’ em especial, as coisas estavam cada vez mais graves; acusavam-nos de sermos causadores de tudo: do desemprego, dos baixos salários, do desequilíbrio financeiro e de sermos responsáveis pelas desditas da Alemanha e do mundo inteiro; ‘os judeus são a nossa desgraça’, era o ‘slogan’ do dia. (Losa, 1987a, p. 154)

Vive na primeira pessoa esta experiência da perseguição aos judeus: “nas ruas e nos transportes públicos, feriam-me as queixas dos meus irmãos, desconsiderados na escola, e as angústias da minha mãe, frequentemente insultada nas lojas quando fazia compras” (*idem*, 156). Conhece os primeiros passos do nacional-socialismo e sofrerá uma profunda desilusão amorosa quando é rejeitada por Paul, o namorado alemão do liceu. Em Berlim, assiste ao momento em que Hitler se torna chanceler da Alemanha, é interrogada pela polícia em Alexanderplatz por ter escrito numa carta a um amigo que Hitler “é um criminoso” (Losa, 1987a, 190), é humilhada no interrogatório, obrigada a “retirar as ofensas” ao Führer e vê a sua vida em risco:

– Ora diga, Judia Frankfurter, sabe que os judeus são uma raça inferior que tem de ser exterminada? Que são a nossa desgraça? Pior que a piolhada? Mas não pode compreender, claro. Numa palavra: o meu dever é prendê-la. Mas o que sabem os judeus do dever?

[...]

Dentro de cinco dias saberemos para onde temos de a levar, Judia Frankfurter.

E, depois de uma pausa:

– Se, nessa altura, ainda por cá estiver... (Losa, 1987a, pp. 195-6)

É desses cinco dias que Rose dispõe para abandonar a Alemanha. As memórias de infância e juventude da protagonista de *O mundo em que Vivi* podem sintetizar-se na seguinte afirmação: “Nunca me sentia totalmente livre. Torturava-me o receio de que alguém pudesse escarnecer dos judeus. Via-me sempre na perspetiva de ter de defender “a nossa gente” e, por isso, ensaiava palavras de defesa que tencionava pronunciar com calma e convicção, de cabeça erguida” (Losa, 1987a, p. 117). Viver “de cabeça erguida” e defender convicções tornar-se-á impossível para Rose num clima de intolerância e de perseguição aos judeus.<sup>5</sup> O exílio impõe-se, assim, como a única solução de sobrevivência.

<sup>5</sup> Na coletânea de contos *Caminhos sem Destino* (1991), são recorrentes as alusões à segregação dos judeus na Alemanha. No conto de abertura, “O Concerto”, o grande momento de estreia de um jovem pianista é destruído pela afixação, na loja de quinquilharias da mãe, do estigmatizante J e pela sugestão de que o jovem alemão de ascendência judaica será de imediato levado por dois “fardados, de cruz gamada no braço”, para um campo de concentração:

– Basta de palavreado! Marche!

A mão de Peter deixou cair as músicas.

– O concerto! – gritou Frau Kahn, e pôs-se em frente da porta. – O Círculo de Música conta com o meu filho! Por favor, deixem-no dar o concerto!

– No sítio para onde o levamos, não lhe faltarão ocasiões para dar concertos! – respondeu o homem, e soltou uma gargalhada de escárnio (Losa, 1991, p. 24).

## 2. Sobreviver ao inferno

Este título, tomado de empréstimo ao conto de Ilse Losa “Sobrevivente, ou Buchenwald” (Losa, 1991, p. 254), pode clarificar genericamente dois motivos dominantes nas narrativas posteriores a *O Mundo em que Vivi* (*Rio sem Ponte, Sob céus estranhos* e a coletânea de contos *Caminhos sem Destino*): o peso da memória e a experiência do exílio. De facto, as personagens e as histórias apresentadas nestas narrativas vivem, longe da terra natal, dominadas por recordações do Holocausto nazi – que algumas sofreram na primeira pessoa, como é o caso do protagonista de “O sobrevivente” – e pela tentativa de adaptação a um país estrangeiro.

Muito embora o protagonismo do seguinte romance de Ilse Losa, *Rio sem Ponte*, não seja colocado numa família de judeus alemães, mas na história de amor de dois jovens alemães, Joahann Schuster e Jutta, é possível verificar que aquelas tensões e conflitos sentidos na Alemanha pós-I Guerra Mundial continuam a manifestar-se. Na verdade, o que parece mais significativo neste romance, na perspetiva de representação do antissemitismo, é a forma como se digladiam, no interior da própria Alemanha, posições diametralmente opostas sobre a ascensão de Hitler, a instauração do nacional-socialismo e a atitude perante os judeus. A mudança de enfoque representa, portanto, uma outra visão sobre esse período da História alemã e europeia. As profundas dificuldades económicas sentidas por Johann e a sua família parecem atenuadas quando o jovem rapaz se torna empregado do armazém Hoehler & Bernstein. Mas de imediato se esboçam as tensões que dominarão a diegese: a contratação de um outro funcionário, o judeu Hirsch, desencadeia uma acesa discussão entre dois empregados: “Foi o Bernstein que o empregou. Eles protegem-se uns aos outros. Todos os judeus que trabalham na casa foram colocados pelo Bernstein” (Losa, 1988, p. 36).

A experiência do exílio é vivida por Jutta. Em Inglaterra, conhece da parte da família judaica que aceita dar-lhe emprego considerações sobre a situação alemã: “Então, isso lá na Alemanha? Pouco trabalho, hein? Em todo o caso deve ser melhor do que na Polónia. Lá faziam mal aos judeus. Por isso vim com o meu marido para aqui” (Losa, 1988, p. 107).

O exílio de Jutta não traduz uma efetiva melhoria da sua condição económica. Mas o regresso à Alemanha é desaconselhado pelo namorado. É justamente através da correspondência trocada entre Jutta e Johann que é possível conhecer a situação tumultuosa do país natal e o progressivo aumento de perseguições aos judeus: se Jutta confessa numa das suas cartas que “Nunca convivi com judeus” porque se sentiria desajustada dos seus costumes, Joahann dá-lhe conta do “entusiasmo” crescente dos alemães pelas promessas de Hitler e dos conflitos entre nazis e judeus sofridos no próprio armazém onde trabalha. O apelo de Johann é reforçado pelo tio Georg, prevendo um futuro aterrador para a Alemanha: “Deixa-te estar aí, mesmo se tiveres saudade e se isso não for como imaginaste. Aqui as coisas vão mal, pressinto acontecimentos terríveis, é melhor aguardares lá fora” (Losa, 1988, p. 125).

O exílio apresenta-se como a única alternativa para aqueles alemães que não se sentiram entusiasmados com as promessas nazis. A nomeação de Hitler como chanceler – episódio já retratado em *O Mundo em que Vivi* – constitui o momento que definitivamente decide Jutta a permanecer em Inglaterra. Sobre

o chanceler, é dito que se trata de um “anti-semita feroz” e que o partido que lidera “tem um programa em que está incluída a perseguição aos judeus” (Losa, 1988, p. 131). Uma carta de Joahann confirma este clima persecutório: “Já sabes que não aprecio os nazis. Nunca encontrei um único que me agradasse [...]. Fala-se muito em raça pura, e os Judeus são assaltados por onde quer que andem” (Losa, 1988, pp. 132-3). Joahann voltará a refletir sobre a política nazi de exterminação dos judeus, quando relata à namorada o ataque ao armazém – recorde-se que um dos sócios, Bernstein, é judeu – e antecipa simbolicamente a tenebrosa Solução Final: “O Bernstein não voltou mais. Parece que o foram buscar a casa, mas ninguém sabe para onde o levaram. Pouco a pouco os empregados judeus deixam de aparecer e podemos considerar o armazém mais ou menos ‘limpo’, como agora se costuma dizer. Meu Deus, que espécie de limpeza esta!” (Losa, 1988, p. 142). Joahann acaba por tomar a mesma decisão que a protagonista de *O Mundo em que Vivi*: a fuga da Alemanha nazi.

Rose, Jutta e Joahann vivem, nos anos imediatamente anteriores à eclosão da II Guerra Mundial e à instauração do regime nazi, “sob céus estranhos”. Mas este título tornar-se-á mais incisivo no terceiro romance de Ilse Losa. O distanciamento temporal e mental da II Guerra Mundial permite uma reflexão mais amadurecida sobre os ecos do Holocausto ouvidos por todos aqueles que tiveram de fugir da Alemanha nazi (como a própria escritora, perseguida pela Gestapo).

É também de sobrevivência, de exílio e de memórias que vive o romance *Sob céus estranhos*, através da situação de refugiado em Lisboa de um alemão de ascendência judaica, Josef Berger. O adjetivo do título antecipa o sentimento permanente de vivência num lugar desconhecido em todos domínios: político, económico e mental. Josef é um estrangeiro forçado a fugir da Alemanha e a sua existência no Porto – lugar de passagem antes de chegar ao seu ambicionado destino, os Estados Unidos, para se reencontrar com o irmão que para aí fugiu “antes que fosse deportado para uma das monstruosas fábricas de morte hitle-rianas” (Losa, 1987b, p. 26) – obriga-o a confrontar-se com a diferença e com o preconceito, mas também com a situação de um país dominado pela ditadura salazarista e por um dos seus mecanismos de vigilância, a Polícia Internacional de Defesa do Estado.

O estado de Portugal – “a penúria das gentes e o marasmo cultural do país” (Marques, 2001, p. 128) – são fatores de agravamento da angústia de Josef. Na cidade portuguesa, o protagonista perde as suas referências vitais: a família e os valores que nela aprendeu. Significativamente, o romance estabelece uma distinção entre o turista e o estrangeiro: o que representa para o primeiro o fascínio pela novidade numa viagem e o conforto de saber que a breve trecho recuperará a sua língua e os seus costumes, constitui para o segundo – o emigrante forçado, o refugiado – uma barreira dificilmente ou jamais ultrapassada:

Se um turista chega a um mundo estranho, onde nem o aspecto exterior, nem a língua, nem os costumes lhe conseguem despertar reminiscências, esse mundo exerce sobre ele um encanto delicioso. Não surge tudo isso que se oferece aos seus olhos – paisagem, costumes e fala – para o seu particular deleite? Não se lhe oferecem todas as características pitorescas para que ele se divirta e tire fotografias? Mas se o mesmo turista se vê de repente forçado a permanecer nesse mundo

estranho para ganhar o seu pão, o pitoresco torna-se-lhe ambiente quotidiano, os habitantes passam a ser os seus vizinhos, amigos e inimigos e o caso muda inteiramente de figura. O que lhe parecera insólito e exótico ergue-se qual muro espesso entre ele e tudo o que constitui a sua vida, e por muito tempo não passa dum homem à parte, um observador sempre prestes a comparar com esse mundo o seu de outrora: um comparsa que, não chegando a pisar o palco, permanece nos bastidores. (Losa, 1987b, pp. 15-6)

A solidão, o isolamento e as dificuldades económicas do presente só pontualmente podem ser atenuados pela lembrança desse passado familiar harmonioso e tranquilo. Tal como se verifica em *O mundo em que vivi*, a narrativa relata tradições da religião judaica, nomeadamente a festa de Succot “que recordava as colheitas e a aproximação das chuvas na Terra Prometida” (Losa, 1987b, p. 17).

Mas as memórias de José convocam também momentos infelizes, como aquele em que foi agredido por “fanáticos desumanizados” (Losa, 1987b, p. 17):

Corpos atiraram-se sobre o meu corpo: mãos abertas, punhos, unhas, botas. A volúpia de homens transformados em bestas: “Espicha, porco de judeu!” Depois fiquei só, na valeta húmida, a gemer de dores e de solidão. Na clínica, ainda deitado sobre a maca e meio atordoado, ouvi uma voz: “Judeu? Pegue-lhe você. Cá por mim estou-me nas tintas”. Quando voltei da clínica, *Good Old Man* disse:

E – Tens de sair do país, Josef. Não vejo outra solução [...]. Para a Universidade não te deixam voltar, e os empregos ainda permitidos a filhos de pai judeu são bem poucos e sem futuro. (Losa, 1987b, pp. 32-33)

O Porto permite a Josef retomar alguns contactos com outros judeus fugidos da Alemanha, como é o caso da família Lindomonte, cujo patriarca lhe recorda que a ameaça dos campos de concentração o impele à fuga: “Empurrei a minha família cá para fora no próprio dia da chegada de Hitler ao poder” (Losa, 1987b, p. 41).

Todavia, as atrocidades cometidas pelo regime hitleriano estão também omnipresentes nas conversas de refugiados judeus em Portugal. Os ecos, ainda muito presentes, do holocausto, são muito mais visíveis neste romance dos que nos dois anteriores: ele é lembrado em diversos discursos de Josef:

– No relato de uma professora judia cujos pais “agonizavam num campo de concentração na Polónia do qual só mais tarde chegamos a saber a denominação: Auschwitz” (Losa, 1987b, p. 67);

– Na memória do assassinio do rabino Reh “em câmaras de gás em Auschwitz, o que só fiquei a conhecer pela lista necrológica colectiva publicada pelos Aliados depois de terem arrombado as portas das casas da morte” (Losa, 1987b, p. 69)<sup>6</sup>;

– Na história de um jovem polaco “que vira os alemães levarem centenas de crianças ao massacre e também a cena que me contara uma refugiada, entretanto morta pelo abuso de pastilhas tranquilizantes. «Marta – disse o médico,

<sup>6</sup> Na coletânea *Caminhos sem Destino*, o protagonista, sobrevivente do campo de concentração de Buchenwald, recorda que “Via levarem crianças às carradas para a câmara de morte com acompanhamento de música sinfónica” (Losa, 1991, p. 254).

em Auschwitz, de quem ela fora auxiliar – vai buscar ligaduras lá fora, na sala do fundo do corredor». E Marta para lá correu, abriu a porta ao fundo do corredor e deparou-se-lhe um monte de cadáveres nus, acamados uns por cima dos outros como lenha” (Losa, 1987b, pp. 137-8).

– Ou ainda na rememoração da chegada a Portugal de prisioneiros de campos de concentração resgatados por altas somas em divisas estrangeiras por parentes nas Américas” (Losa, 1987b, p. 89). A evocação feita por Josef destes compatriotas constitui um dos momentos mais pungentes do romance *Sob céus estranhos*:

Vinham acabrunhados, esfomeados como bichos, humilhados até à ira ou à apatia ou tomados desse azedume peculiar das pessoas que estão em disputa com o seu destino por saberem que o fantasma da abjecção infernal se intrometerá, para sempre, com riso de escárnio, entre elas e o mais breve momento de alegria e de despreocupação, condenando-as ao tormento das angústias, das visões macabras, da descrença em Deus e nos homens. Ainda dominados pelo medo e pelas ameaças, suspeitando em cada indivíduo um criminoso ou um denunciante, só de noite, atrás das portas fechadas e depois de se terem certificado repetidas vezes de não haver escutadores escondidos, relatavam febrilmente, de olhos assombrados e de mãos trémulas, o que viram e o que suportaram. (Losa, 1987b, p. 88)

O fim da Guerra, de que Josef tem conhecimento ainda no Porto, não significa um desejo de regresso à Alemanha. Como o próprio diz, muito tempo será necessário para aceitar esse retorno: “Não se volta tão depressa para uma terra impregnada de cheiro a crime, sobretudo quando esse crime nos diz respeito” (Losa, 1987b, p. 133).

As memórias dolorosas do Holocausto – vivido diretamente como experiência que afetou familiares de Josef e indiretamente através dos relatos de outros refugiados – não impedem o protagonista de regressar à Alemanha: nesse retorno, cerca de dez anos após o final da II Guerra Mundial, entram em conflito as memórias felizes da casa de família e da tília que parecia protege-la e as recordações melancólicas sobre uma cidade onde tudo recorda sofrimento:

Numa cidade onde grassara a morte os ruídos trazem ecos de túmulo, e onde o crime fora legítimo retumbam gritos das valas comuns e dos crematórios; e os cheiros ocres e podres evocam cadáveres, e os rostos envelhecidos, carregando amargura, ficam distantes. (Losa, 1987b, p. 172)

O casamento de Josef com uma portuguesa, Teresa, demonstra que a segregação dos judeus na Alemanha não atinge Portugal. Num romance insistentemente marcado pela memória do Holocausto, o nascimento do filho do Josef é porventura a única nota de esperança que sobrevive às recordações de perseguição aos judeus.

### 3. Notas finais

A perseguição ao povo judeu e o Holocausto representados nos romances de Ilse Losa são, na literatura portuguesa, um importantíssimo testemunho da

crueidade de um regime de violência e tortura, exemplarmente sintetizado nas palavras do sobrevivente, do conto homónimo incluído em *Caminhos sem Destino*:

Nem em dez séculos de uma vida como a que tu levas chegarias a imaginar o que eu vi. Também não chegarias a alargar os teus conhecimentos sobre a nossa espécie chamada humana como eu os alarguei nesses anos, poucos na contagem formal dos calendários, mas na realidade tão inumeráveis como as estrelas do céu. (Losa, 1987b, 1991, p. 254)

O clima de antissemitismo vivido na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930 e o modo como Adolf Hitler o incitou só encontrarão equivalente, na representação por parte de um escritor português, nos três termos com que Sophia de Mello Breyner caracterizou a política do “ridículo” Hitler: “estupidez, bestialidade e desgraça” (Breyner, 1962, p. 29).

Ao longo das quatro obras de Ilse Losa aqui analisadas, são representados de modo pungente os mais negativos aspetos do regime hitleriano: a desumanidade, a privação, o extermínio, o Mal. A memória do antissemitismo representado nas obras de Ilse Losa permite pensar, ainda que dificilmente isso possa ser alcançado, sobre o apelo de Primo Levi<sup>7</sup> às gerações futuras, no poema “Stranger!”:

From whatever country you come,  
Look at the ruins of the camp,  
Think, and do all you can,  
So your pilgrimage  
Be not in vain,  
As was not in vain our death...  
For you and your children,  
The ashes of Auschwitz are  
A warning.  
Act so that the terrible fruit  
Of hatred,  
Whose traces you saw here,  
Will never grow a new seed  
Neither tomorrow, nor ever!

A Terra Prometida acaba, em última instância, por oferecer um conjunto de desilusões, porque a discriminação, nos tempos em que se desenrolam as narrativas da escritora, está também muito presente em Inglaterra e em Portugal. A Terra Prometida apresenta-se, fundamentalmente, como uma utopia – é o caso dos Estados Unidos em *Rio Sem Ponte* – ou um sonho adiado – como se verifica em *Sob Céus Estranhos*.

<sup>7</sup> Primo Levi (1919-1987) foi um judeu italiano aprisionado no campo de morte de Auschwitz durante onze meses. A sua formação como químico levou a que fosse colocado a trabalhar no campo de Buna-Monowitz (Auschwitz III) como assistente numa fábrica de borracha sintética. A sua libertação pelo Exército Vermelho aconteceu em 27 de janeiro de 1945.

## Referências bibliográficas

- Andresen, S. M. B. (1962). *Contos Exemplares*. Lisboa: Livraria Moraes Editora.
- Losa, I. (1987a [1949]). *O mundo em que vivi*. Lisboa: Afrontamento.
- Losa, I. (1987b [1962]). *Sob céus estranhos*. Lisboa: Afrontamento.
- Losa, I. (1988 [1952]). *Rio sem Ponte*. Lisboa: Afrontamento.
- Losa, I. (1991). *Caminhos sem Destino*. Lisboa: Afrontamento.
- Marques, A. I. (2001). *Paisagens da Memória. Identidade e alteridade na escrita de Ilse Losa*. Coimbra: Edição de Minerva Coimbra e do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.
- Marques, A. I. (2009). *As traduções de Ilse Losa no Período do Estado Novo: Mediação Cultural e Projecção Identitária* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Zych, A. A. (2011). *The Auschwitz Poems*. Auschwitz-Birkenau State Museum.

## Resumo

A ficção narrativa de Ilse Losa constitui um contributo muito relevante para a reflexão sobre o Antissemitismo, o genocídio nazi e o papel de Portugal no acolhimento a refugiados de ascendência judaica durante a II Guerra Mundial. Os romances *O mundo em que vivi* (1949) e *Rio sem ponte* (1952) ficcionalizam a infância e a juventude da escritora na Alemanha que conhece a ascensão do Nacional-socialismo. *Sob céus estranhos* (1962) retrata a condição de refugiados judeus-alemães em Portugal durante a II Guerra Mundial.

Os propósitos principais deste ensaio são: 1) Identificar as imagens da Alemanha nazi construídas pelos protagonistas dos romances; 2) Demonstrar que o exílio representa a busca da Terra Prometida; colide, todavia, com a cruel realidade da ditadura portuguesa; 3) Sublinhar que, não obstante as limitações sofridas no exílio, Portugal representa a recuperação da esperança, da tolerância e da humanidade ambicionadas por todos aqueles que se recusam a regressar a um país agredido por “fanáticos desumanizados”.

## Abstract

Ilse Losa's narrative fiction is a very relevant contribution to the reflection on anti-Semitism, Nazi genocide and the role of Portugal in welcoming Jewish refugees during World War II. The novels *O Mundo em que Vivi* (*The World in Which I Lived*) (1949) and *Rio Sem Ponte* (*River Without Bridge*) (1952) fictionalize the writer's childhood and youth in Germany throughout the rise of National Socialism. *Sob Céus Estranhos* (*Under Strange Skies*) (1962) exposes the situation of Jewish-German refugees in Portugal during World War II.

The main purposes of this essay are: 1) to identify the images of Nazi Germany built by the novels' protagonists; 2) to show that exile means the pursuit of the Promised Land; this search, however, clashes with the painful reality of Portuguese dictatorship; 3) to emphasize that, despite the limitations suffered in exile, Portugal represents the recovery of hope, tolerance and humanity aspired by all those who refuse to return to a country attacked by “dehumanized fanatics”.